A leitura de cartuns sob a perspectiva da AD francesa

Magda Lourenço Cyrre

Submetido em 30 de Novembro de 2012.

Aceito para publicação em 1º de Dezembro de 2014.

Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 48, junho de 2014. p. 22-36

POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:
(a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.
(b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
(c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.
(d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

A LEITURA DE CARTUNS SOB A PERSPECTIVA DA AD FRANCESA

THE CARTOONS READING IN THE FRENCH DISCOURSE ANALYSIS PERSPECTIVE

Magda Lourenço Cyrre*

RESUMO: *Este estudo segue princípios e noções basilares da Análise de Discurso (AD) francesa e trabalha com a leitura de dois cartuns. Este trabalho tem como objetivo articular noções teóricas da AD à prática analítica da interpretação da materialidade dos cartuns, a partir da seguinte questão de pesquisa: Como as materialidades presentes nos cartuns (imagética e linguística) atualizaram sentidos e podem ser interpretadas numa perspectiva discursiva? Buscamos, com base nos pressupostos da AD, a construção de um aporte teórico-metodológico para analisar e interpretar o material selecionado como corpus e, com isso, entender o seu funcionamento discursivo. É diante dos efeitos de sentidos provocados pelo conjunto das materialidades imagética e linguística que tecemos nossas análises.*

PALAVRAS-CHAVE: *cartum; Análise do Discurso; interpretação.*

ABSTRACT: *This study follows basic principles and notions of Discourse Analysis (DA) of French line and it works with the reading of two cartoons. This paper aims to articulate theoretical notions of DA the practice of analytical interpretation of the materiality of cartoons from the following research question: How materialities present in cartoons (imagery and language) upgraded meanings and can be interpreted in a discursive perspective? We seek based on assumptions of DA building a theoretical and methodological framework to analyze and interpret the material selected as corpus and thereby understand their discursive functioning. It is facing the effects caused by the set of senses of materialities imagery and language we weave our analyses.*

KEYWORDS: *cartoon; Discourse Analysis; interpretation.*

1 INTRODUÇÃO

Este estudo fundamenta-se nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso (AD) pecheuxtiana. O objeto de análise deste trabalho são dois cartuns que tratam sobre a repercussão da coligação política entre PT e PP para concorrer à prefeitura de São Paulo em 2012. A coligação ocorreu em 18 de junho de 2012 com Luiz Inácio Lula da Silva (Lula) representando o Partido dos Trabalhadores (PT) e Paulo Maluf (Maluf) representando o Partido Progressista (PP). O discurso dos cartuns sobre a coligação política é uma interpretação formulada a partir de um mosaico de discursos oriundos de vários espaços discursivos. Por essa razão, é importante estudar como o discurso dos

* Professora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, mestre pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, magcyrre@gmail.com.

cartuns foi organizado, tecido, e que efeitos de sentido (re) produziu. Trata-se de considerar o que o cartum diz e como ele diz.

A partir de noções basilares da AD pecheuxtiana, lançaremos o nosso olhar sobre o discurso presente nos cartuns, focando nos efeitos de sentido veiculados. Ou seja, os objetivos do estudo são: a) analisar o *corpus* recortado para fazer parte deste estudo, por meio da aplicação de noções fundamentais à AD; b) investigar que discursos ecoam por entre a materialidade imagética e linguística tecida pelo cartunista. Então, propomos a seguinte questão: como as materialidades presentes nos cartuns (imagética e linguística) atualizaram sentidos e podem ser interpretadas numa perspectiva discursiva? Em vista disso, passamos a refletir sobre a materialidade discursiva presente nos cartuns sobre a coligação PT-PP, partindo do seguinte saber pré-construído: os cartuns descrevem fatos do cotidiano. Esse pré-construído tem como contraponto o seguinte saber, proveniente de Pêcheux (2006): toda descrição de um fato já é uma interpretação. Para trabalharmos com a tensão desses saberes, consideramos necessário apresentar algumas noções teóricas imprescindíveis para a compreensão do tipo de análise que nos propomos a fazer.

2 ALGUMAS NOÇÕES BASILARES DA TEORIA DISCURSIVA

Pêcheux (1988) pensa o discurso como fazendo parte do interior de um feixe de relações, o discurso é o lugar onde se entrelaçam a língua, a história e o sujeito. A língua (objeto de estudo da linguística), na AD, se materializa no discurso. E o discurso não é, simplesmente, um objeto dado no mundo, como se fosse algo transparente, como um objeto de teoria científica. Ele precisa ser construído. E, por isso, assim como Pêcheux (1988), acreditamos que o discurso não surge no vazio. Ao se analisar o texto, não se está analisando o texto em si, mas o(s) discurso(s) que vem/vêm através dele. Portanto, é o olhar discursivo que o transforma em discurso. O texto, visto na perspectiva do discurso, não é uma unidade fechada, pois ele tem relação com outros textos, com suas condições de produção, com a sua exterioridade constitutiva. Conforme Orlandi (1987), o objetivo da AD é compreender como um discurso funciona, como ele produz sentido enquanto objeto linguístico-histórico.

O discurso, como objeto linguístico-histórico da AD, é o ponto de articulação dos processos histórico-ideológicos e dos fenômenos linguísticos. É, antes de tudo, um lugar de reflexão, que remete a uma noção de ideologia, que não separa linguagem e sociedade da história. Então, enquanto prática discursiva, o discurso deve ser concebido como processo e não como produto. Isso porque deve ser analisado não em sua unidade e sim em seu conjunto e, com isso, sofrer as influências de outros discursos que concorrem com ele.

Para a análise dos cartuns, será preciso considerar a materialidade discursiva utilizada para compor o cartum (imagética e linguística) e a instância sócio-histórica de seu aparecimento. Para entendermos como o discurso dos cartuns funciona, é preciso a apropriação da noção de Condições de Produção (CP). As CP de um enunciado representam a relação da sequência discursiva com o sujeito e com a situação, relação

dos interlocutores com a ideologia numa conjuntura histórica dada. O texto, portanto, visto a partir de suas condições de produção, é um discurso. Conforme Indursky:

> As CP do discurso mostram a conjuntura em que um discurso é produzido, bem como suas contradições. Nessas condições, o sujeito produz seu discurso não como fonte de conhecimento, mas como efeito dessa rede de relações imaginárias, constituindo-se tal discurso na representação desse imaginário social (INDURSKY, 1997, p. 28).

Em outras palavras, mas também seguindo os dizeres de Indursky (2009), são as CP que tornam possível a passagem da superfície linguística do texto à sua face discursiva, já que as CP são de natureza histórico-social e relacionam um texto a um sujeito igualmente histórico. Também em relação à superfície linguística empregada para constituir os discursos, convém destacar o pensamento de Orlandi (2003, p. 30): "Os dizeres não são apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas".

Ou seja, de acordo com a teoria de Pêcheux (1988), o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc. não existe em si mesmo, pois é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas. Ou seja, elas adquirem seu sentido em referência às *formações ideológicas* (FI) nas quais essas posições se inscrevem.

> É a ideologia que fornece as evidências pelas quais todo mundo sabe o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado "queiram dizer o que realmente dizem" e mascaram, assim, sob a transparência da linguagem, aquilo que chamaremos *o caráter material* do sentido das palavras e dos enunciados. (...) o sentido de uma palavra, de uma expressão, etc., não existe "em si mesmo", mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (reproduzidas) (PÊCHEUX, 1988, p. 160).

Podemos dizer que "não há discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia. A ideologia é interpretação de sentido em certa direção, direção determinada pela relação da linguagem com a história e com seus mecanismos imaginários" (ORLANDI, 1998, p. 31). "A ideologia não é consciente: ela é efeito da relação do sujeito com a língua e com a história na sua necessidade conjunta, na sua materialidade" (ORLANDI, 1998, p. 40). Segundo a teoria pecheuxtiana, inconsciente e ideologia estão materialmente ligados.

Em vista disso, podemos afirmar que a ideologia responde de forma diferente aos interesses das classes. Tanto os saberes como as práticas produzidas nas instituições são práticas de interesses de classes. Assim, os sujeitos sofrem pressões ideológicas e, simultaneamente, são condicionados por seus desejos inconscientes. Esse reconhecimento, no campo da teoria, estabeleceu uma subjetividade desdobrada, dividida.

Inconscientemente, o homem – enquanto um ser sócio-histórico – é interpelado como sujeito. O sujeito se reconhece e se identifica com uma ideologia mesmo sem ter consciência, daí Pêcheux (1988, p. 161) dizer que "os indivíduos são *interpelados* em sujeitos de seu discurso, pelas formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhe são correspondentes". Para Althusser (1996), a

materialidade da ideologia está nas instituições sociais. Pêcheux, ao formular o conceito operacional da ideologia no campo das práticas sociais, *formação ideológica*, aprofunda os conceitos de Althusser e inclui as práticas discursivas. Então, considerando que a linguagem tem a qualidade de poder revelar a verdade, acreditamos que a materialidade linguística empregada na formulação do discurso do cartum seja capaz de revelar que *formações ideológicas* (FI) estariam presentes no cartum analisado. Ou seja, nas palavras de Pêcheux:

> Se uma mesma palavra, expressão, proposição, etc., podem receber sentidos diferentes, todos igualmente "evidentes" conforme se refiram a esta ou aquela formação discursiva é porque [...] uma palavra, expressão, proposição, não tem um sentido que lhe seria próprio vinculado a sua literalidade. [...] é necessário também admitir que palavras, expressões, proposições, literalmente diferentes podem, no interior de uma formação discursiva dada, "ter o mesmo sentido" (PÊCHEUX, 1988, p. 161).

Isso quer dizer que Pêcheux[2] (1988) apresenta a noção de *Formação Discursiva* (FD) como aquilo que numa Formação Ideológica (FI) dada determina o que pode e deve ser dito. Ou seja, numa sociedade, há relações de classes que implicam certas posições políticas e ideológicas que, por sua vez, incluem formações discursivas em tensão, que determinam o que pode e o que deve ser dito, considerando certas posições na conjuntura social. É através dessas FDs (não estabelecidas de uma vez por todas) que se pode reconhecer, nos textos, o cruzamento de vários discursos. Então, é no espaço das FDs, atravessadas pela dimensão ideológica, que se reconhece a manifestação de discursos específicos. A formação discursiva é o lugar da constituição do(s) sentido(s), já que as palavras, expressões, proposições, etc. recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas: "Os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam "na linguagem" as formações ideológicas que lhes são correspondentes" (PÊCHEUX, 1988, p. 161).

Convém salientar que a noção de FD sofreu transformações. Primeiramente, foi concebida como um conjunto de regras de formação atravessada pela homogeneidade. Falava-se em diferentes FDs homogêneas, separadas umas das outras, sem nenhuma ligação entre elas. Em um segundo momento, a noção é entendida como complexos de FDs em que uma FD é dominante e mantém relações com outras. A partir de 1981, com Courtine, não existe mais um complexo de FDs com dominante, mas uma noção de Formação Discursiva heterogênea. Há uma abertura para as diferentes posições-sujeito no interior de uma mesma FD. Os limites da noção passam a ser instáveis, admitindo-se deslocamentos. E, como afirma Courtine: "O interdiscurso de uma FD, como instância de formação/repetição/transformação dos elementos do saber dessa FD, pode ser apreendido como o que regula o deslocamento de suas fronteiras" (COURTINE, 2009, p. 100).

[2] Pêcheux (1988), a partir da releitura do conceito inaugurado por Foucault (2007) [1969]*, amplia a noção de Formação Discursiva, acrescentado explicitamente a noção de ideologia por meio de formações ideológicas à formação discursiva.

* 1969 é a data da publicação do texto original em francês; para este artigo, é usada uma versão brasileira de 2007.

É também com relação a esses espaços de discurso (FDs), que Indursky (2007) chama de fronteiras porosas, que se processa o que se chama "assujeitamento" – o condicionamento do sujeito à ideologia e ao inconsciente. Em vista disso, a noção de FD – vista atualmente como heterogênea e com fronteiras porosas – é imprescindível para se analisar o discurso de cartuns sobre política. Essa noção aponta para caminhos que devemos empreender na análise do material recortado, já que procuramos buscar marcas que revelem as posições políticas e ideológicas dos sujeitos envolvidos no cartum, posições-sujeitos, como também o entrecruzamento de discursos. Isso porque a linguagem do cartum comporta formas simbólicas que são justamente potencialidades de interpretação. Para a compreensão de como os discursos se formam nas FDs, é necessário trazermos a noção de *interdiscurso.*

Para definir o exterior de uma Formação Discursiva (FD), Pêcheux (1988) desenvolve a noção de interdiscurso e elabora uma teoria do discurso que pressupõe a existência de transversalidades e conflitos culturais no interior e no exterior dos discursos, que afetam os sujeitos desses discursos e o próprio sentido das palavras. "O interdiscurso delimita o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente definido, pois é o interdiscurso que determina a formação discursiva (FD) com a qual o sujeito discursivamente se identifica" (PÊCHEUX, 1988, p. 213-14). Ou seja, o interdiscurso funciona como exterioridade, como o "lugar" do outro e permite que filiações históricas possam se organizar em memórias e as relações sociais em redes de significantes. As FDs estão posicionadas em complexos de FDs relacionadas, referidas como, "interdiscurso" e os significados específicos de uma FD são determinados pelo exterior em sua relação com o interdiscurso. Isso é, de acordo com Orlandi (1998), para que uma palavra faça sentido, é preciso que ela já tenha sentido. Essa impressão de significar deriva do interdiscurso – o domínio da memória discursiva, aquele que sustenta o dizer na estratificação de formulações já feitas, mas esquecidas, e que vão construindo uma história dos sentidos. Toda enunciação resulta, assim, de um efeito de sustentação no já dito. Ao buscarmos o(s) sentido(s) possível(is) do *corpus* deste estudo, estaremos trabalhando com a historicidade do discurso que emerge dos cartuns.

Do ponto de vista do discurso, o modo de produção de sentido é um elemento crucial, e o que se produz é associado a espaços de discursos já construídos. Em vista disso, é de suma importância a noção de *interdiscurso,* já que o objeto discursivo não é fechado: tem relação com outros textos, com outros discursos e com a memória discursiva. Além disso, o interdiscurso é submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação que caracteriza o complexo das formações ideológicas (PÊCHEUX, 1988, p. 162).

O cartunista, ao formular o cartum, inconscientemente, (re)ativa a memória do dizer com a formulação de determinadas imagens e enunciados e não de outros, com isso, traz à tona sentidos já existentes no âmbito do interdiscurso. Ao apresentar o cartum, as imagens e as sequências discursivas retornam como um saber já-dito que é (re)atualizado e (re)significado, pois foram formulados em outro lugar e em outro cenário discursivo. Os conflitos subjetivos que nascem dessas diferenças discursivas são sempre o resultado de conflitos sociais coletivos determinados pela hegemonia política ou pelo poder capitalista enraizado na sociedade. A forma como a materialidade discursiva se deixa comprometer com esse tipo de hegemonia é localizada no que Pêcheux (1988) chama *intradiscurso* – ou o discurso que opera sobre si próprio – que

se caracteriza por possuir dois traços distintivos: o efeito *pré-construído* e a *articulação*. "O efeito pré-construído como a modalidade da discrepância pela qual o indivíduo é interpelado em sujeito... ao mesmo tempo em que é sempre-já sujeito" (PÊCHEUX, 1988, p. 156). E a articulação como o que permite a um sujeito constituir-se como tal em relação àquilo com que o seu próprio discurso se constrói. Nesse sentido, o interdiscurso funciona como o lugar do outro, como espaço de latência de sentidos. Nesse processo, convivem os campos da história, da língua e do inconsciente sem fronteiras fixas, e o papel do cartunista – duplamente afetado (pelo inconsciente e pela ideologia) – é produzir gestos de interpretação marcados pela projeção imaginária que ele faz de si, do outro e do lugar social em que está inscrito, embora isso possa ocorrer de forma inconsciente. Pode-se dizer que é uma via de mão dupla, pois a interpretação do sujeito-leitor do cartum também é afetada pela historicidade e pela ideologia, já que recupera, do interdiscurso, apenas alguns sentidos e não outros para incorporar ao seu discurso. Para Pêcheux (1988), tem-se no gesto de leitura o efeito do interdiscurso sob a forma do não dito que aí emerge, como discurso outro, discurso de um outro ou discurso do Outro.

O autor (1988, p. 163) destaca que o funcionamento da ideologia como interpelação dos indivíduos em sujeitos de seu discurso realiza-se "através do interdiscurso e fornece a cada sujeito sua realidade enquanto sistema de evidências e significações percebidas – aceitas – experimentadas". A noção de ideologia é, pois, fundamental para a construção do intradiscurso, espaço privilegiado para o pensamento crítico poder explicar os constrangimentos sociais e políticos que influem na construção da subjetividade. Sendo o discurso concebido como um sistema de relações de sentido, a noção de *interdiscurso* destaca-se no processo de subjetivação da linguagem, na relação com outras materialidades discursivas e com a memória discursiva.

Os sujeitos são afetados pela memória. Em Pêcheux (2006, p. 54), temos que: "'as coisas-a-saber' são jamais visíveis em desvio, como transcendentais históricos ou epistemes no sentido de Foucault, mas sempre tomadas em redes de memória dando lugar a filiações identificadoras e não a aprendizagens por interação [...]". Conforme nos lembra Orlandi (1998), é consenso em AD que, ao falarmos de memória, não é da memória cognitiva ou psicológica que estamos falando; também não é da memória documental ou institucional, o arquivo.

Neste estudo, entendemos que memória discursiva e interdiscurso não se confundem. Essa forma de ver essas duas noções fica melhor explicada nas palavras de Cazarin (2010):

> A memória discursiva é lacunar e seletiva e sua mobilização, joga ou atua na posição sujeito (daí podermos falar em "efeito de memória") enquanto que o interdiscurso é um espaço saturado de sentidos, pois nele tudo que está lá já produziu sentidos em espaços e tempos diversos. (CAZARIN, 2010, p. 106).

Ou seja, o interdiscurso funciona como exterioridade, como o "lugar" do Outro e permite que filiações históricas possam se organizar em memórias e as relações sociais em redes de significantes. Toda enunciação resulta, assim, de um efeito de sustentação no já dito.

Em Indursky (2007), tem-se que a formulação das modalidades de tomada de posição do sujeito é contemporânea da noção de interdiscurso, pois é o interdiscurso

que contém os dizeres que não podem ser ditos no âmbito de uma dada FD. O funcionamento dessa noção no processo de interpretação pode ser explicado nas palavras de Cazarin (2010, p. 108):

> Talvez seja o caso de compreendermos que o interdiscurso fornece elementos para a reconstituição/restabelecimento da memória discursiva, que é da ordem do interdiscurso, mas que, para produzir sentidos, precisa ser mobilizada pela posição-sujeito. Mobilização essa que funcionaria, então, tanto como gesto de interpretação, quanto como categoria de análise, nos moldes do trabalho de Courtine (1981). Isso nos levaria a aceitar, como já sinalizamos, que a memória discursiva é lacunar (pois aí interfere a posição-sujeito que a mobiliza), ao passo que o interdiscurso é saturado de sentidos – tudo está lá (CAZARIN, 2010, p. 108).

Como os cartuns significam a coligação do PT com PP em São Paulo, está relacionado a vários fatores. Entre eles, podemos citar o espaço de enunciação e de memória discursiva que sustenta os sentidos que são recuperados, reativados e (re)organizados pela materialidade linguística empregada para formular o discurso sobre a coligação.

> A memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricas e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização. Um espaço de desdobramento, réplicas, polêmicas e contradiscursos (PÊCHEUX, 1999, p. 56).

A memória, pensada como um espaço possível de deslocamento, por Pêcheux, abre espaço para o novo. A partir do já dito, já significado, nasce o novo, o acontecimento, o novo vir a ser. No processo de produção dos sentidos, a memória discursiva, o já dito e já esquecido, disponibiliza outros dizeres, que ainda não foram ditos. O que ocorre, é que o sujeito discursivo, que é determinado sócio-historicamente e interpelado pela ideologia, não sabe que esse dizer não lhe pertence, mas que é oriundo do fator interdiscursivo, do já-dito. E nesse sentido, a memória é constituída pelo esquecimento, o que torna possível o diferente, a ruptura, o outro.

Para Courtine (2006), a *memória* funda uma possibilidade de expressão; ela abre um direito à fala, ela possui, até mesmo, um valor performativo de proposição eficaz, pois se ancora em um passado que a sustenta como o *chumbo da lembrança*[3]. Assim, os discursos se moldam a partir do que é importante lembrar e o que é preciso esquecer. Memória e esquecimento contribuem para a formulação de discursos.

3 SOBRE O *CORPUS:* POR QUE CARTUM?

É recorrente, em várias obras e sites, a associação de charge a cartum. O que esses tipos de arte gráfica têm em comum é que tanto a charge quanto o cartum são

[3] Expressão usada por Courtine (2006), para referir-se tanto às lembranças políticas históricas memoráveis pela sua glória quanto a fracassos políticos que é necessário esquecer.

materialidades imagéticas que: a) apresentam em seu discurso uma certa dose de humor; b) são publicadas em jornais, revistas ou sites; c) utilizam a materialidade imagética para ressaltar aspectos cômicos do assunto tratado; d) são uma anedota gráfica em que o cartunista ou o chargista pode recorrer a legendas ou dispensá-las. Apesar de todas essas semelhanças, há aspectos importantes que distinguem o cartum da charge.

O termo cartum origina-se do inglês *cartoon* – cartão, pequeno projeto em escala, desenhado em cartão para ser reproduzido depois em mural ou tapeçaria. A expressão, com o sentido que tem hoje, nasceu em 1841 nas páginas da revista inglesa Punch[4], a mais antiga revista de humor do mundo. Os cartuns sem legenda, durante muito tempo, foram chamados pela imprensa brasileira de piada muda. Sem o caráter pontual da caricatura em que a arte consiste em escolher o movimento imperceptível de uma deformação para tornar visível o ponto que rompe o equilíbrio de alguma face, o cartum propõe uma ruptura de caráter social. O cartum no lugar de explorar elementos caricaturais usa bonecos para registrar os aspectos do cotidiano representados. O cartum é a matriz da charge. Em relação à temática abordada também há diferenças. O cartum aborda temas universais e chega ao riso através da crítica mordaz, satírica, irônica e, principalmente, humorística do comportamento do ser humano, das suas fraquezas, dos seus hábitos e costumes.

No entanto, apesar de existir diferenças nos traços gráficos de charges e cartuns, observamos que jornais e revistas brasileiros cedem o mesmo espaço tanto para uma quanto para a outra arte gráfica, não fazendo distinção entre o que é cartum e o que é charge. Essa afirmação pode ser comprovada observando-se o site *A charge on line*.[5] Este site hospeda diariamente charges e cartuns publicados em jornais diários do Brasil e também feitos especialmente para o *site.* A arte gráfica, que é postada e atualizada diretamente por cartunistas e chargistas brasileiros, não recebe tratamento diferenciado em relação à forma de designação. Toda materialidade imagética é considerada charge, não há distinção, pelo menos em língua portuguesa, conforme anúncio em sua página: "Diariamente as **charges** dos principais jornais do Brasil. Brazilian editorial cartoons, dynamic updated." Outros jornais também não fazem distinção entre os termos charge e cartum. O *Jornal Agora,* de Rio Grande, por exemplo, indexa o seu espaço gráfico como cartum e como charge. Ou seja, se iniciarmos uma pesquisa na internet para buscar charges ou buscar cartuns do *Jornal Agora*, chegaremos ao mesmo site. Além disso, se observarmos o material postado no espaço deste jornal, veremos que há postagem de imagens com bonecos anônimos (cartuns), no entanto, o título da seção é *charge do dia*. Essa tendência a não estabelecer uma fronteira nítida entre o que é charge e o que é cartum também pode ser observada em Flôres (2002) a qual afirma que há uma tendência na atualidade a não especificar o que é charge ou o que é cartum: "é um texto usualmente publicado em jornais sendo, via de regra, constituído por quadro único (FLÔRES, 2002, p. 14.). Tanto a charge quanto o cartum trabalham em seu discurso com uma linguagem que se compõe simultaneamente de imagem (o desenho) e

[4] Punch era uma revista britânica de humor e sátira publicada 1841-1992 e de 1996 a 2002. No início de 1996, o empresário egípcio Mohamed Al-Fayed comprou os direitos para a marca e relançou. Ele disse que sua intenção era dar uma resposta a revista britânica *Private Eye*, que se distinguia por sua crítica de Fayed. A revista não foi muito bem sucedida, e no final de maio de 2002, anunciou o seu encerramento.

[5] http://www.chargeonline.com.br.

de palavras. No entanto, consideramos que as charges, por suas marcas caricaturais, são datadas e, por conseguinte, mais efêmeras. Por essa razão, escolhemos trabalhar com a perenidade do discurso dos cartuns.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E O *CORPUS* DISCURSIVO

O objeto de análise, o *corpus* deste estudo, foi delimitado em dois cartuns[6], que representam a coligação entre PT (Lula) e PP (Maluf) para a prefeitura de São Paulo em 2012. O corpus discursivo é entendido aqui, assim como em Mittmann (2007) *apud* Courtine (1981), como: um conjunto de sequências discursivas estruturadas a partir da relação com as Condições de Produção do discurso.

O primeiro material a ser analisado é um cartum elaborado pelo cartunista Marco Aurélio para o jornal *Zero Hora*, do Rio Grande do Sul, e replicado no site *charge on line* em 28 de junho de 2012. Sobre o cartum de Zero Hora[7]: um boneco, do sexo masculino, representando um "homem sanduíche", caminha pelas ruas da cidade com a seguinte sequência discursiva inscrita em sua placa de anúncios: "*Compro espaço eleitoral gratuito na TV – pago bem Fone -123450*".

O segundo material de análise foi formulado pelo cartunista Lorde Lobo para o *Jornal Agora*[8] e foi acessado em 02 de julho na versão *on line* do jornal[9]. A respeito desse cartum: dois bonecos, do sexo masculino, dialogam; o primeiro boneco, usando uma roupa de militante do PT – camiseta amarela, com uma estrela vermelha estampada no canto esquerdo e a seguinte sequência discursiva enunciada: "*Apesar do pacto com Maluf ainda acredito que* ***uma parte*** *do Lula se mantém fiel aos princípios do partido!"* O segundo boneco, com vestes sem identificação com nenhum partido político, responde com a seguinte sequência: *"Ah, sim: o dedo mindinho da mão esquerda!"*

Apresentado o *corpus* discursivo deste estudo, passamos aos procedimentos de análise, por meio da aplicação de um dispositivo analítico próprio a cada cartum conforme as suas especificidades. As noções basilares à teoria da AD, apresentadas anteriormente, integrarão o nosso dispositivo teórico de interpretação, sustentadas em princípios gerais da AD. Segundo Mittmann (2007, p. 155), "dependendo do recorte teórico-metodológico efetuado pelo analista, diferentes caminhos podem ser percorridos". Não se objetiva com a análise do *corpus* discursivo deste estudo a exaustividade ou a completude do tema, mas sim demonstrar como o discurso de cada cartum funciona produzindo efeitos de sentido.

---

[6] Optamos por descrever as materialidades empregadas na elaboração dos cartuns que fazem parte deste estudo, já que não conseguimos em tempo a autorização para a publicação das imagens sem nenhum ônus.

[7] O cartum de Marco Aurélio foi extraído do seguinte endereço eletrônico. http://www.chargeonline.com.br. Acesso em: 02 jul. 2012.

[8] *Jornal Agora* de Rio Grande – RS.

[9] O cartum de Lorde Lobo foi publicado em 22 de junho de 2012 e extraído do seguinte endereço eletrônico: http://www.jornalagora.com.br/site/content/noticias/detalhe.php?e=3&n=29037. Acesso em: 02 jul. 2012. Para visualisar o cartum, clique na máquina fotográfica.

5 ANÁLISES

Inicialmente, passamos a contextualizar sócio-historicamente o *corpus* discursivo deste trabalho. O cartum é entendido, para este estudo – de maneira simples e geral – como a representação pictórica em que se comenta um fato específico, geralmente de caráter político. Por seu caráter revelador, o cartum, além de criticar, denunciar e fazer refletir, vale-se, algumas vezes, do humor para alcançar seus objetivos. Para esse trabalho, interessa estudar os dois cartuns não como resultado interpretativo, mas sim como um processo discursivo resultante de uma construção e legitimação de significados, pois carregam visões de mundo formadoras ou conformadoras de opinião pública. Nas palavras de Orlandi (2003, p. 117), "compreender, na perspectiva discursiva, não é, pois, atribuir um sentido, mas conhecer os mecanismos pelos quais se põe em jogo um determinado processo de significação". E a AD nos possibilita "explicitar e descrever montagens, arranjos sócio-históricos de constelações de enunciados" (PÊCHEUX, 2006, p. 23). Partindo dessa noção de cartum e articulando com as noções de Condições de Produção, Formação Discursiva, Formação Ideológica, Interdiscurso e Memória Discursiva, além de todos os pressupostos básicos da AD, passamos a investigar os cartuns que integram esse trabalho para descobrir que discursos ecoam e se tensionam sobre a coligação dos Partido dos Trabalhadores (PT) e do Partido Progressista (PP) seladas pelo aperto de mão de Lula e de Maluf em frente a Fernando Haddad, candidato à prefeitura de São Paulo.

Para contextualizar sócio-historicamente o que pode representar esse aperto de mão e que críticas podem daí decorrer, vamos rememorar a história recente dos principais sujeitos envolvidos. Historicamente, temos que Luiz Inácio Lula da Silva, ex-presidente, eleito no Brasil pelo Partido dos Trabalhadores (PT), chegou ao poder porque uma de suas bandeiras era: (como representante dos trabalhadores, ex-torneiro mecânico) lutar contra a hegemonia da classe dominante e combater a corrupção que historicamente permeou os partidos políticos conservadores que, tradicionalmente, se alternaram no poder. Entretanto, para se eleger e se manter no poder, em 2002, 2006 e 2010 o PT fez alianças com partidos conservadores – de ideologia de direita – que representariam ideais e propostas de governo diferenciadas (por que não dizer, até antagônicas) para o Brasil. Ao longo desses 10 anos de governo do PT, os escândalos envolvendo a corrupção permearam o governo. Temos também que o atual deputado federal por São Paulo, Paulo Maluf (PP), é um político tradicional com passagens pelos partidos ARENA, PSD e PP – todos de direita – e desempenhou, ao longo dos últimos anos, as funções políticas de Prefeito de São Paulo, por duas vezes; Secretário dos Transportes, Governador de São Paulo e, também por duas vezes, Deputado Federal. Em sua longa carreira política, em várias ocasiões, foi acusado de desvio de verbas, superfaturamento de obras, improbidade administrativa e lavagem de dinheiro. Além disso, a promotoria de Nova Iorque o acusa de movimentar ilicitamente milhões de dólares no sistema financeiro internacional sem justificativa fundamentada e, por este motivo, ele está na lista de procurados pela Interpol: Polícia Internacional. Então, fazer uma aliança eleitoral com o PP, tendo Maluf como representante, poderia representar passar por cima de valores e princípios defendidos no passado pelo PT. Em vista desse

contexto sócio-histórico, passamos a analisar o *corpus* discursivo para investigar que saberes foram recuperados e (ou) apagados no discurso de cada cartum.

Para analisar e interpretar as materialidades imagética e linguística que constituem o cartum formulado por Marco Aurélio – o qual se refere à coligação entre PT-PP, é preciso situar as condições de produção e de circulação do cartum. O cartunista Marco Aurélio ilustra com seus cartuns as páginas do jornal *Zero Hora* (ZH). Esse jornal foi fundado em 1964, em Porto Alegre, para servir de porta-voz do regime militar. *Zero Hora* é jornal de ideologia de direita e costuma (re)produzir (fazer eco ao) o discurso do governo.

Em face às condições de produção e circulação do cartum, é possível compreender porque a materialidade imagética do cartum não retoma (caricaturiza) a imagem de Lula nem a de Maluf, nem tampouco, face às lembranças negativas que a imagem dos dois juntos poderia suscitar no povo rio-grandense, a materialidade linguística faz qualquer menção aos nomes de Paulo Maluf ou de Lula. Os sujeitos políticos são apagados do discurso do cartum, substituídos por um rosto comum de um homem do povo, que trabalha como "homem sanduíche". A materialidade imagética do cartum revela um homem sanduíche anônimo, divulgando um anúncio de coligação em formato não personalizado. *Como as materialidades presentes nos cartuns (imagética e linguística) atualizaram sentidos e podem ser interpretadas?* A lei eleitoral brasileira permite aos partidos se coligarem em época eleitoral, então a coligação é legal. Mas, o que a imagem do "homem sanduíche" expondo a sequência discursiva seguinte atualiza? "*Compro espaço eleitoral gratuito na TV – pago bem Fone - 123450*".

Pelo interdiscurso, são retomadas as razões da coligação, apresentadas pelo PT: dois minutos de tempo no espaço eleitoral gratuito na TV. Foi para aumentar o tempo de exposição de seu candidato na TV por mais dois minutos que Lula, representando o PT de São Paulo, aliou-se ao PP de Paulo Maluf. Os sintagmas verbais "compro" e "pago" remetem o acontecimento político como uma relação meramente comercial em que se compra e se paga por um produto, descaracterizando a representação de aliança política em que os aliados, amigos, "dão" apoio uns aos outros. Os sintagmas verbais "compro" e "pago" também representam as compras de cargos políticos em cada governo. Mas, não é só isso que o discurso revela: o segundo verbo (pago) está modificado pelo advérbio "bem". "Bem" funciona como um intensificador do verbo e, dessa forma, interfere no funcionamento de toda a sequência discursiva e contribui para que ocorra o recorte de outros saberes do interdiscurso. A memória discursiva é acionada e traz a atualização de novos saberes e produz novos efeitos de sentido. "Pago bem" atualiza pagar um preço alto. Qual será o preço que o PT pagará por essa coligação? Isso não está dito, mas possibilita a reflexão sobre o acontecimento político. Lula e o Partido dos Trabalhadores de São Paulo aumentaram o tempo na TV, mas a que preço? Pela análise desse cartum de Marco Aurélio, observamos que, mesmo sem falar na aliança entre PT e PP, Lula e Maluf, a materialidade discursiva do cartum remete ao acontecimento político da coligação. Mesmo o jornal estando alinhado com o governo e não propiciando espaço para a crítica à política governamental do PT, o cartum de Marco Aurélio deixa escapar uma crítica sobre o fazer político. Podemos dizer que esse cartum identifica-se com a Formação Discursiva do jornal *Zero Hora*, e isso determina o que pode e deve ser dito a partir de uma posição em uma conjuntura dada. Em vista disso, não há caricaturas dos sujeitos envolvidos, não há referências a

nomes (Lula e Maluf), mas o não dizer significa tanto quanto o dizer, e, ao dizer, usando outras materialidades, o cartum dá uma pista sobre outros discursos que ecoam sobre a coligação. Pelo uso do advérbio "bem", percebemos que, no imaginário do cartunista, há lugar para pensar o diferente; as porosidades da fronteira da FD do jornal Zero Hora se mostram.

Para analisar e interpretar as materialidades imagética e linguística do cartum formulado por Lorde Lobo, também é necessário apresentar as condições de produção e circulação do cartum. O *Jornal Agora* é um jornal que não tem seção de política, mas que demonstra, pelas notícias, reportagens e cartuns que são veiculados, ocupar uma posição política de esquerda. As condições de produção e circulação do segundo cartum identificam-se com uma Formação Discursiva que abre espaço para criticar as ações políticas do governo.

Iniciando a análise pela materialidade linguística empregada, observamos que a primeira sequência discursiva *"Apesar do pacto com Maluf ainda acredito que* ***uma parte*** *do Lula se mantém fiel aos princípios do partido!"* diz que o personagem que profere a fala acredita que uma parte do Lula se mantém fiel aos princípios do partido. Além dessa crença, essa mesma sequência discursiva revela, por meio do operador argumentativo *apesar,* no início do diálogo, uma articulação de um argumento negativo "pacto com Maluf" a um argumento positivo "acredito que uma parte do Lula se mantém fiel aos princípios do partido". O uso do operador argumentativo *apesar* atenua o efeito negativo do "pacto com Maluf". No entanto, o argumento positivo é articulado pelo advérbio de tempo "ainda", que é um marcador de pressuposição, podendo indicar que há uma voz de um locutor que "acredita, mas não por muito tempo, que uma parte do Lula se mantém fiel aos princípios do partido". Ou aponta para outra voz, que diz que "já é tempo de deixar de acreditar que uma parte do Lula se mantém fiel aos princípios do partido." Essa primeira sequência discursiva é reveladora das tensões existentes no discurso do sujeito que a enuncia. O discurso é revelador de um sujeito dividido entre a crença de fidelidade e a dúvida sobre por quanto tempo isso ainda vai ocorrer.

Em relação à segunda sequência discursiva: *"Ah, sim: o dedo mindinho da mão esquerda!"*, observamos que essa resposta completa o sentido da sequência discursiva anterior e, além disso, faz eco ao trecho destacado em negrito "uma parte" do Lula. Ou seja, a voz do locutor 2 responde que a parte de Lula que se mantém fiel aos princípios do partido de esquerda é muito pequena: o dedo mindinho da mão esquerda. A essa conclusão é que chegaríamos se estivéssemos trabalhando com uma teoria em que o limite é o enunciado, e, portanto, só analisaríamos o produto verbal da escrita do cartunista. No entanto, o nosso objeto é o discurso. O discurso, na perspectiva pecheuxtiana, é um objeto histórico-ideológico materializado na língua, e, para ser analisado, é preciso considerar as suas condições de produção, a sua exterioridade, o contexto sócio-histórico-ideológico que o envolve.

Voltemos à primeira sequência discursiva: Apesar do pacto com Maluf ainda acredito que **uma parte** do Lula se mantém fiel aos princípios do partido! Quem é Maluf? O que representa um pacto com Maluf? Para responder a essas indagações, temos que ir ao interdiscurso e recuperar tudo o que Maluf representa: é um tradicional político, que sempre representou a direita brasileira (ARENA, PDS) e, atualmente, representa o Partido Progressista (PP), também representante de direita. Em sua longa

carreira política, foi acusado de desvio de verbas, superfaturamento de obras, improbidade administrativa, lavagem de dinheiro, enriquecimento ilícito e é procurado pela Interpol (Polícia Internacional) por movimentar ilicitamente milhões de dólares. Fazer uma aliança eleitoral com o PP, tendo Maluf como representante, é passar por cima de valores e princípios defendidos pelo PT, partido de esquerda em sua origem. Lendo o não-verbal, o personagem do cartum com a camiseta de cor amarela com uma estrela vermelha estampada simbolizando um filiado ou simpatizante do PT – já que usa as cores do partido – reconhece que o pacto entre Lula e Maluf contraria os princípios do partido e de todo eleitor que seja contrário à corrupção. No entanto, apesar do absurdo (Maluf representar tudo o que o PT sempre combateu), o personagem acredita que uma parte do Lula se mantém fiel aos princípios do partido. E é também pelo interdiscurso que percebemos a ironia na resposta do interlocutor do cartum. Só poderemos interpretar como irônica a resposta a "acredito que **uma parte** do Lula se mantém fiel aos princípios do partido" se formos ao interdiscurso. Porque a sequência discursiva "Ah, sim: o dedo mindinho da mão esquerda" opera um deslocamento de sentido ao dizer "o dedo mindinho da mão esquerda". Esse deslocamento ocorre porque atualiza saberes sobre o passado de Lula. A memória discursiva recorta do interdiscurso que Lula, ex-torneiro mecânico e fundador do PT, aposentou-se por invalidez justamente por perder o dedo mindinho da mão esquerda enquanto trabalhava como operário em uma fábrica no interior de São Paulo. A parte que o interlocutor julga que ele é fiel aos princípios do partido é justamente a parte do corpo que ele não tem. O sujeito toma como suas as palavras de uma voz anônima que se produz do interdiscurso, apropriando-se da memória discursiva que se manifesta na forma de um discurso irônico. O interlocutor diz "ah, sim" para trazer à memória um saber que representa o não: a parte do corpo que Lula não tem. Podemos afirmar, com base na materialidade analisada, que esse cartum abre espaço para uma Formação Discursiva que se identifica com os que acreditam que Lula e o PT não são mais um partido de esquerda e que combate a corrupção. O cartum simboliza o imaginário dos que não acreditam em pactos inocentes entre posições políticas diferentes. Se houve o pacto é porque são semelhantes os seus ideais.

6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Caricaturizando ou não personagens políticos, referindo diretamente ou não a acontecimentos políticos, os dois cartuns permitiram a emergência em seu discurso de saberes sobre um fato político (o pacto do PT com o PP), mesmo quando, aparentemente, o pacto é silenciado. A realização de uma leitura crítica é fundamental para que se evidencie que o discurso do cartum já constitui em si mesmo um gesto de leitura que é resultado de uma regulação da interpretação do cartunista, muitas vezes, imposta pelo veículo midiático em que circula: as condições de produção e circulação. É sempre bom lembrar que o discurso dos cartuns entremeia-se com o discurso jornalístico e pode, muitas vezes, fazer eco às diversas vozes presentes no jornal. Por isso, comparo as palavras de Mariani (1999, p. 111), sobre o discurso jornalístico, com o discurso dos cartuns: "Assim, o discurso jornalístico possui uma prática discursiva específica: ele produz uma leitura do presente, podendo vir a reconfigurar resíduos

produzidos no passado e, ao mesmo tempo, organiza os germes de sentido ainda por vir".

Analisando os dois cartuns, pode-se dizer que eles se utilizaram de um lugar institucional construído e legitimado historicamente para comentar ações políticas com humor, muitas vezes, produzido por uma crítica mordaz. Os imaginários presentes em cada cartum são tecidos pelo discurso de cada cartunista, os quais são autorizados a proferir um discurso sobre a esfera política e a repetir e a comentar fatos do cotidiano político. Com o tom humorístico, sério ou irônico, os cartuns vão formulando interpretações sobre o fazer dos políticos e revelando posições políticas. As análises apontam para a (re)ativação de diferentes saberes em cada cartum e a manifestação de diferentes imaginários sobre a coligação PT e PP. Em face a isso, poderíamos nos perguntar: representam os cartuns um espaço de resistência na mídia? Mas isso fica para um outro trabalho...

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. Aparelhos ideológicos de estado (Notas para uma investigação) (1974). In: *Um Mapa da ideologia.* (Org.) ZIZEK, Slavoj. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 105-142.

CAZARIN, Ana Ercília. Gestos interpretativos na configuração metodológica de uma FD. In: *Organon.* Porto Alegre, nº 48, janeiro-junho, 2010, p. 103-118.

COURTINE, Jean-Jacques. *Metamorfoses do discurso político*: derivas da fala pública. Tradutores Nilton Milanez, Carlos Piovezani Filho. São Carlos: Claraluz, 2006.

_____. *Análise do discurso político*: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EduFSCar, 2009.

FLÔRES, Onici P. *A leitura da charge***.** Canoas: Ulbra, 2002.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber.* Tradução de Luiz Felipe Beata Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

INDURSKY, Freda. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

_____. Da interpelação à falha no ritual*:* a trajetória teórica da noção de formação discursiva. In: BARONAS, Roberto L. (Org.) *Análise do discurso:* apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Ed. Pedro e João, 2007a, p. 75-87.

_____. Formação discursiva: essa noção ainda merece que lutemos por ela? In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (Orgs.). *Análise do Discurso no Brasil:* mapeando conceitos**.** São Carlos: Claraluz, 2007b. p. 163-172.

_____. A escrita à luz da Analise do Discurso. In CORTINA, Arnaldo; NASSER, Silvia M. G. C. *Sujeito e Linguagem.* São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009, p. 117-131.

MARIANI, Bethania S. C. Sobre um percurso de análise do discurso jornalístico – A Revolução de 30 In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (Orgs.) *Os múltiplos territórios da Análise de Discurso.* Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999. p. 102-121.

MITTMANN, Solange. Discurso e Texto: na pista de uma metodologia de Análise. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (Orgs.). *Análise do Discurso no Brasil:* mapeando conceitos**.** São Carlos: Claraluz, 2007. p. 153-162.

ORLANDI, Eni P. *A linguagem e seu funcionamento:* as formas do discurso. 2.ª ed. Ver. Campinas: Pontes, 1987.

_____. *Interpretação:* autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998a.

_____. (org.). *A leitura e os leitores***.** Campinas, SP: Pontes, 1998b.

_____. *Análise do Discurso:* princípios e procedimentos. 5.ª ed. Ver. Campinas: Pontes, 2003a.

_____. A análise de discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: *Anais do I SEAD* - Seminário de Estudos em Análise de Discurso, 1, 2003b, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, nov. 2003b, p. 10-13. 1 CD-ROM.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso:* uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et al.. Campinas, SP: UNICAMP, 1988.

_____. O papel da memória. In: ACHARD, P (et al). *O papel da memória.* Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

_____. *O discurso:* estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.